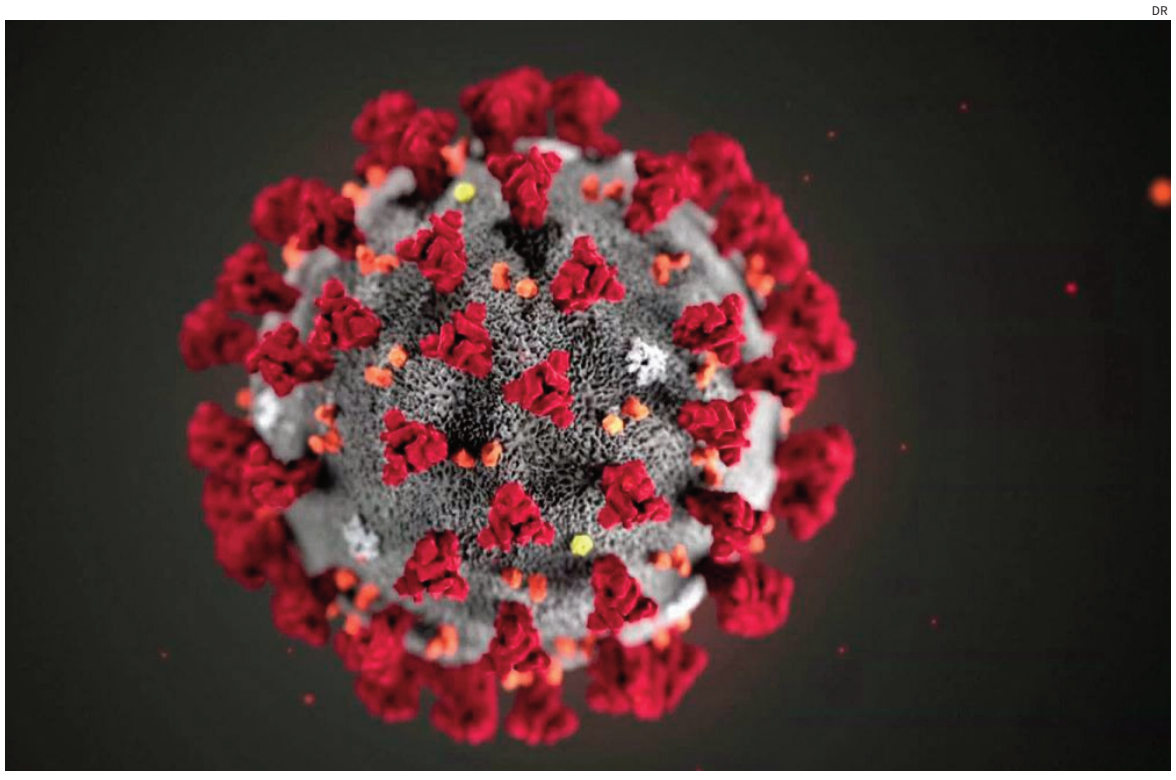
DIMENSÃO CULTURAL DA DOENÇA

Covid-19: pandemia ou sindemia?

Luís Kandjimbo |*

DR



Num texto de opinião escrito há cerca de dois anos considerei que alguns equívocos têm estado na origem da inconsistência de muitas políticas públicas no nosso país, em virtude de não se admitir que o recurso às ciências sociais e humanas seja útil, quando se torna necessário evitar efeitos deletérios das políticas públicas. Um desses equívocos dizia respeito à mal sucedida iniciativa de construção do "Mercado do Peixe da Mabunda" e às dinâmicas da rede de distribuição do pescado na província de Luanda. Chega-se a esta conclusão, quando se lê a tese de doutoramento do poeta e antropólogo Ruy Duarte de Carvalho cuja pesquisa foi desenvolvida em 1984 na Kamuxiba, actual distrito da Samba, de que resultou o livro "Ana a Manda. Os Filhos da Rede".

Com o referido edifício as autoridades municipais traduziam a bondade da sua decisão que visava apenas dar uma boa imagem ao distrito urbano e garantir uma melhor higiene na comercialização do peixe. De acordo com Ruy Duarte de Carvalho foram ignorados o papel das mulheres dos pescadores e as lógicas tradicionais antigas que modelam comportamentos no escoamento do peixe fresco, transformação do peixe fresco e o escoamento do peixe seco no principal centro de transacção: a praia do bairro, onde é desembarcada a produção dos pescadores de linha. Foi igualmente ignorado o papel das mulheres dos pescadores na fixação de preços, tendo em conta a classificação do peixe enquanto mercadoria: peixe fresco para consumo; peixe fresco para secagem; e peixe seco.

Ora, para o presente tópico vêem à colação a antropologia e a filosofia. São dois domínios do saber que não deviam ser negligenciados, tendo em conta a sua própria vocação: questionar a existência do homem integralmente, problematizar a realidade em todas as suas dimensões e examinar de modo crítico os conceitos utilizados para compreender as mulheres e os homens que habitam um determinado território e respectivos comportamentos. Apesar de uma história associada ao colonialismo de que, no continente africano, resultou o seu banimento em 1973, por ocasião da conferência de investigadores e intelectuais africanos realizada em Argel, a antropologia recuperou o fôlego, em 1989, na cidade de Yaoundé, quando se constituiu a Associação Panafricana de Antropologia que passou a publicar a revista "The African Anthropologist", (O Antropólogo Africano).

Antropólogos e filósofos

Existem hoje em Angola comunidades de especialistas dos dois referidos ramos do saber. A formação em ensino da filosofia teve início há mais de trinta anos no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla e conta actualmente comum outro curso integrado na oferta formativa na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto. O curso de antropologia é oferecido pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto há duas décadas. Apesar do número reduzido de especialistas, essas comunidades não são desprezíveis.

A conversa para a qual convido o leitor, tal como se enuncia no título, tem a ver com um sentimento de profunda desolação. Observo com frequência que as narrativas noticiosas dos órgãos de comunicação social e alguns eventos discursivos atribuídos a profissionais de saúde e concidadãos que exercem funções públicas, veiculam expressões depreciativas e pejorativas acerca das pessoas que, por força da sua condição social, não cumprem as recomendações de prevenção contra a pandemia. Mas essa atitude repreensiva também não contribui para o sucesso da luta contra a Covid-19. Por que razão ocorrem tais juízos depreciativos e de repugnância?

Quanto a mim, o problema reside no seguinte. Em primeiro lugar, a concepção de saúde pública parece obedecer aos dogmas paradigmáticos do chamado "Norte Global". Em segundo lugar, o conceito de doença com que se opera não tem em conta a cultura das populações. Em terceiro lugar, a abordagem epidemiológica da doença está ancorada à perspectiva estrita das ciências médicas e outras mais próximas ou conexas. Isto significa dizer que a pandemia da Covid-19 declarada pela Organização Mundial da Saúde suscita uma outra abordagem. Pode dizer-se que o combate à Covid-19 solicita a intervenção de uma antropologia filosófica. Aliás, enquanto escrevia este artigo, ocorreu um acaso feliz. O Governo angolano acabou de consagrar o pluralismo de sistemas de saúde com a integração da medicina tradicional.

Diálogo interdisciplinar

As teorias epidemiológicas do século XX já incorporavam experiências que traduziam o diálogo interdisciplinar com os referidos domínios do conhecimento para a determinação da rede de causas das doenças, eficácia da sua prevenção e erradicação. O combate de doenças infecciosas no período colonial, a título ilustrativo, contava com alguns médicos especializados em medicina tropical, apesar dos preconceitos então predominantes da "racialização" da doença praticada pela antropologia física colonial. Em meados da década de 60 do século passado, fui testemunha do esforço a que foram forçadas as autoridades sanitárias coloniais, no que diz respeito à implantação de uma saúde pública assente no conhecimento das realidades idiossincráticas das famílias angolanas, nomeadamente, as relações de parentesco. Trata-se do caso de uma prima minha, residente no Cubai, que tinha contraído a doença causada pelo bacilo de Koch. Em consequência disso, os meus tios enviaram-na para a cidade de Benguela. Por recomendações dos médicos do dispensário anti-tuberculose, ela foi viver em nossa casa, num bairro situado a quarenta minutos do referido dispensário. Após a conclusão do tratamento ambulatório, a prima Kasinda teve alta, regressou ao Cubal. Mas em nossa casa reinava saúde plena. Percebia-se que a vigilância epidemiológica integrava uma componente "etnográfica", num reconhecimento tácito de que as doenças têm sempre uma dimensão cultural.

A antropologia da saúde cujo objecto são as interacções que se estabelecem entre a biologia e a cultura adquiriu autonomia científica na década de 70 do século XX. Enquanto disciplina da formação especializada é ministrada como antropologia médica, por exemplo, no mestrado em saúde pública da Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto. Por essa razão, não se compreende que seja marginal a importância atribuída às populações e respectivas culturas, enquanto detentoras do direito à saúde e destinatários últimos das políticas de saúde pública. Em todo o caso, os epidemiologistas angolanos ou estrangeiros têm a obrigação ética de conhecer o mundo cultural em que vivem as comunidades titulares do direito à saúde. No caso dos angolanos e angolanas isto assume a forma de autoconhecimento. A sua ausência dá origem à reprodução de modelos que não se adequam às necessidades de assistência médica das populações. A indiferença das comunidades perante a alarmante e devastadora pandemia não pode ser comparada àquela que se observa em outras partes do mundo.

O comportamento negligente dos nossos concidadãos requer interpretações pertinentes e articuladas. Existe alguma razão para explicar e compreender a aparente resistência perante as recomendações de prevenção da Covid-19, doença que pode causar a morte. Tudo indica que a mensagem das autoridades sanitárias e dos profissionais de saúde não está a ser inteligível, isto é, não está a chegar aos destinatários porque perde de vista a pessoa humana, a sua condição biológica e cultural.

Por isso, é conveniente saber quais são as lógicas subjacentes, por exemplo, aos conceitos de saúde, doença e morte como ferramentas analíticas com que se pensa os problemas desta pandemia. Parece evidente que se opera com os esquemas conceptuais da Organização Mundial da Saúde, de investigadores e instituições de pesquisa do "Norte Global" cujos resultados são publicados em revistas especializadas e com autoridade científica, tais como a "The Lancet".

Ora, em que medida pode a discussão de conceitos ser importante?

Debater os conceitos de doença

A necessidade de dar uma boa resposta a esta pergunta e a outras que lhe estão associadas vai justificando a importância da interdisciplinaridade na operacionalização das teorias epidemiológicas. Situa-se aí a origem do desenvolvimento da filosofia da medicina, contemporânea da antropologia da saúde, de igual modo, negligenciada. A filosofia analítica da medicina é uma das suas emergentes derivações.

Numa operação de dedução, chega-se ao conceito de doença consagrado pela Organização Mundial da Saúde, através da definição de saúde que é entendida como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade".Nas circunstâncias actuais em que paira no ar o medo da Covid-19, a morte parece ser definida como o efeito final do patógeno SARS-Cov-2 de que resulta uma doença clinicamente compatível, num caso provável ou confirmado, em que não haja uma outra causa de morte. A partir daí procede-se à combinação de uma família de unidades lexemáticas, tais como "pandemia", nova doença que vertiginosamente se espalha pelo mundo e para a qual não se tem imunidade; "epidemia", surto de doença que se espalha num território circunscrito; "endemia", em que o agente infeccioso é constante em determinada área geográfica ou grupo populacional; e "sindemia" que é a coexistência perniciosa de várias doenças e das condições de saúde de uma determinada população, em contexto de injustiça social e cultural.

Todos estes conceitos de um modo geral trazem as marcas do discurso científico paradigmático para o qual contribui o prestígio das instituições ocidentais. Na filosofia ocidental da medicina eles constituem o resultado dos debates entre correntes como o naturalismo e o normativismo ou o realismo e o anti-realismo. O conceito de doença e o seu campo de aplicação resume-se a três perspectivas da enfermidade humana, designadamente, a profissional, a pessoal e a social.

Cultura, doença e sindemia

Nas filosofias da medicina tradicional africana, elaboram-se esquemas conceptuais diferentes de doença a que subjazem determinadas visões do mundo. Por exemplo, na filosofia da medicina tradicional Umbundu, o conceito de doença analisa-se em quatro perspectivas etiológicas: "uveyi wasuku", doenças naturais; "uveyi wolondele", doenças causadas por espíritos; "uveyi wokulowa", doenças causadas por maldade de outras pessoas; "uveyi wepata", doenças genéticas ou resultantes da violação de preceitos sagrados por parte da família. É possível descortinar aí uma antropologia filosófica que qualquer profissional de saúde deve conhecer. Desde logo, uma das suas manifestações é o carácter antropocêntrico do mundo, compreensível à luz do conceito de pessoa, "Omunu".É exigível o seu domínio para sucesso de qualquer política de saúde pública.

Portanto, torna-se evidente que as dinâmicas globais da Covid-19 fazem apelo a uma larga perspectiva da antropologia filosófica, inspirando estudos interdisciplinares em cujo centro das atenções esteja o homem biológico, social e cultural de tal modo que se possa transitar da visão pandémica para uma nova visão sindémica. É que as estatísticas vão demonstrando que a Covid-19 não é apenas uma doença que se dissemina vertiginosamente a nível planetário. Manifesta-se igualmente através de uma constelação de doenças que devasta a população já vulnerável devido a consequências de outras patologias, causa a morte quando ocorrem situações silenciosas de injustiça social, económica e cultural, além do exercício injusto do poder ou biopoder que ataca o direito à saúde.

.

* ***Ensaísta e professor universitário***

DR

WALTER RAMOS, MESTRE DE "DRY WALL"

"Dei trabalho a dez jovens ex-marginais"

Tinha apenas 17 anos mas já não queria ouvir ninguém, incluindo a sua própria mãe. Saiu de casa para deambular pelas ruas com os amigos, desistiu da escola, apenas queria beber, fumar, frequentar festas onde tudo de mal acontecia e criar desmandos durante a noite no bairro Prenda, na zona dos Lotes, onde nasceu e cresceu. Quem diria, são as voltas que o destino dá, hoje Walter Ramos é mestre de "Dry Wall" e empresário bem sucedido

Alexa Sonhi

Um dia destes o tio de Walter Ramos, irmão mais velho de sua mãe, que trabalhava por conta própria como técnico de "Dry Wall" – acabamentos decorativos de interiores com estuque e gesso – na esperança de resgatar o querido sobrinho que sempre teve gosto por desenho, aproveitou a boa disposição do rapaz e lhe pediu para o acompanhar. E este, sem saber para onde iria, aceitou o convite.

Convite este que lhe valeu uma profissão e o seu ganha-pão efectivo. Porque mal entrou no apartamento onde o tio estava a trabalhar apaixonou-se completamente pela arte estampada nas paredes e pelas "ledes" azuis que ofereciam luminosidade ao tecto da sala e "escorriam" pelo corredor da casa.

"Walter, dá-me o martelo e a lixa, ajuda a puxar o fio, agora dá-me a sanefa. Ajuda-me a montar... E prontos, o trabalho está concluído!".

A obra foi entregue ao cliente. Quando viu a satisfação do dono da casa, Walter já sabia o que queria ser. Mestre de Dry Wall. "Também queria ser um técnico como o meu tio, e quem sabe, um dia ter a minha própria empresa", recordou.

Walter Ramos tem, actualmente, 28 anos de idade e é proprietário da empresa "Desilar- Designer interior", constituída há cinco anos. Mas quando começou, com 17 anos, era um simples ajudante do tio.

"Como me apaixonei pela profissão, apostei seriamente no trabalho. Queria aprender rápido. Passei a acompanhar o meu tio em todos os trabalhos, por mais pequenos que fossem", acentuou.

Segundo Walter Ramos para beber, curtir com os amigos ou fazer desmandos no bairro já não tinha tempo. Saía de manhã muito cedo e voltava ao final do dia. Algumas vezes tinha de dormir na obra para cumprir o prazo de entrega.

No dia em que completou um ano como ajudante principal do seu tio, receberam uma grande obra, mas depois de comprarem e deixarem ficar o material no local, o tio passou mal e acabou por ficar internado no hospital.

"Mas como precisávamos de cumprir o prazo de entrega, porque o cliente já tinha pago tudo, então o meu tio olhou para mim e disse: 'Walter, eu sei que tu consegues, por isso, arranja dois miúdos ali no bairro e começa a fazer o trabalho, o que estiver mal, quando sair do hospital vou rectificar, já não tenho como devolver o dinheiro do cliente'".

Com medo, porque nunca tinha feito sozinho um trabalho de "Dry Wall", Walter Ramos chamou dois amigos e, recordando-se dos ensinamentos do tio, começaram a decorar com pladur a casa T7 de três andares. Ao fim de dois meses o trabalho estava concluído e bem melhor do que se esperava. Nessa fase Walter acabava de completar 18 anos e os amigos tinham 19.

"A previsão do término da obra era de um mês. O meu tio além de habilidoso era muito rápido. Mas eu e os meus amigos, com medo de fazermos mal alguma coisa, realizávamos os trabalhos com muito cuidado. Por isso demorámos dois meses para terminar, mas no final os donos gostaram e aumentaram no cachet como forma de agradecimento", lembrou Walter Ramos, sorrindo.

"Sou autodidacta"

Walter trabalhou com o tio mais seis meses. Como queria melhorar as suas técnicas, decidiu trabalhar sozinho para ter mais tempo para investigar. Fez um curso intensivo de "Dry Wall" pela internet no Youtube e noutras páginas.

"Fiz os possíveis para fazer amizade com cidadãos chineses e turcos, porque na altura eram eles que mais faziam trabalhos de Dry Wall. Fui aprendendo as suas técnicas, que agora tenho implementando nos meus trabalhos. Passo muito tempo na internet a ver páginas especializadas, assisto programas que falam de decoração de interiores e procuro imitar. Posso dizer que me tornei num autodidacta em Dry Wall", realçou o profissional.

De acordo com Walter Ramos, a profissão de "Dry Wall" exige muita criatividade. As coisas estão sempre a mudar e os clientes que viajam muito tendem a ser os mais exigentes, "por isso temos de acompanhar o passo para não cair na mesma coisa, não basta apenas saber fazer, é preciso fazer com algum requinte".

Walter Ramos explicou que a sua arte exige muita criatividade, é cansativa mas muito rentável. Os preços variam de 300 mil a 550 mil kwanzas, quando se trata de decoração de sala e corredor, e 700 mil kwanzas se incluir os quartos. Em média, os trabalhos duram de uma a três semanas, dependendo da dimensão da casa.

Os clientes que mais solicitam os seus trabalhos estão nas centralidades do Kilamba, Vida Pacífica e Sequele, bem como na Urbanização Nova Vida, Patriota, Benfica, Jardim do Éden, Residencial Austin e nalgumas zonas do centro da cidade de Luanda.

Por ter começado muito cedo, Walter conta que antes as pessoas não acreditavam nos seus trabalhos. Quando mostrava alguma foto de um trabalho feito, diziam que foram os chineses que fizeram. Alguns o contratavam com muitas dúvidas. Mas hoje são os próprios clientes que o recomendam aos amigos. "Por isso, para mim, cada cliente é especial", confessou.

Curso superior

Walter Ramos sempre foi apaixonado por desenho. Na adolescência bastava-lhe um papel e lápis que se punha logo a fazer rabiscos. Quando descobriu a paixão pelo "Dry Wall", é assim que começou a ganhar dinheiro, decidiu dar continuidade aos seus estudos, formando-se em Engenharia Civil.

"Apesar da decoração com pladur ser o meu maior foco, hoje eu também recebo dos clientes terrenos baldios para, no prazo de oito meses ou mais, dependendo do valor, entregar uma casa construída e devidamente decorada segundo as regras de Dry Wall".

Tirar a juventude do mundo do crime

Na visão de Walter Ramos, muitas vezes o que falta na vida de muitos jovens, principalmente aqueles de famílias muito necessitadas, são as oportunidades. "O meu tio me deu oportunidade de aprender, eu aproveitei e aprendi bem. Hoje faço disso o meu ganha-pão", explicou.

Por isso, faz parte do seu projecto de vida recrutar jovens do mundo da delinquência, que tenham vontade de aprender, para os instruir e empregar, mudando assim as suas perspectivas de vida. E prova disso é o jovem Lourenço Gomes, 30 anos, que usava droga e fazia e desfazia no bairro Prenda e arredores. Hoje ele é um dos melhores pintores e estucadores que Walter Ramos tem na empresa.

Loló, como Lourenço Gomes é carinhosamente tratado, é sempre o último a aparecer nas obras, exactamente para dar o toque final. Depois do técnico de pladur e do electricista fazerem o seu trabalho, Loló entra em acção com a sua talocha, lixa e massa de acabamento para estucar e lixar quer seja a parede, quer seja o tecto, deixando tudo bem macio para que os rolos e pincéis deslizem nas paredes com as tintas Decor ou Barbote, dependendo da preferência do cliente.

"Antes ficava frustrado por não saber onde tirar o sustento da família. Sem qualquer orientação, entrei para o mundo da delinquência para conseguir o sustento, mas, graças a ajuda e confiança do meu amigo Walter, a vida ganhou outro ritmo. Agora tenho sempre trabalhos para fazer", contou.

Loló tem três filhos, tendo um deles necessidades especiais. Vive em casa arrendada e é com o salário que ganha mensalmente na empresa "Desilar- Designer de Interior" que consegue sustentar a sua família e cuidar da saúde do filho.

Walter Ramos emprega na sua empresa mais 10 jovens, que também foram tirados do mundo da delinquência. Estes trabalham como electricistas, técnicos de "Dry Wall", pedreiros, ladrilhadores e simples ajudantes de obras, que, com as suas habilidades, conseguem transformar uma simples casa num lugar confortável para estar. Tudo por causa da beleza da arte, feita com pladur, que eles empregam nas paredes e tectos.

O jovem empresário aconselha os mais jovens, sobretudo aqueles que já estudaram e estão a espera de emprego no Estado, a serem mais criativos, a se reinventarem para ajudarem o próprio país a se desenvolver, "porque o Estado não pode dar tudo, é importante que cada um de nós faça a sua parte, e acima de tudo, seja humilde. Só com humildade conseguimos aprender alguma coisa".

De acordo com Walter Ramos, a época de confinamento devido a pandemia da Covid-19 trouxe-lhe mais clientes. O facto das pessoas estarem confinadas permitia-lhes observar melhor as necessidades da casa, planear melhor as coisas e acompanhar as obras. Walter garante que tem sido muito contactado nos últimos meses.

"Mas os meses em que, geralmente, temos mais clientes vai de Outubro a Fevereiro. É nesta fase que os trabalhadores começam a receber o décimo terceiro salário e outros bonos de final de ano. E gostam então de investir esse dinheiro em obras na casa ou na compra de algum móvel. Nós simplesmente trabalhamos para proporcionar o conforto aos nossos clientes", sustentou.

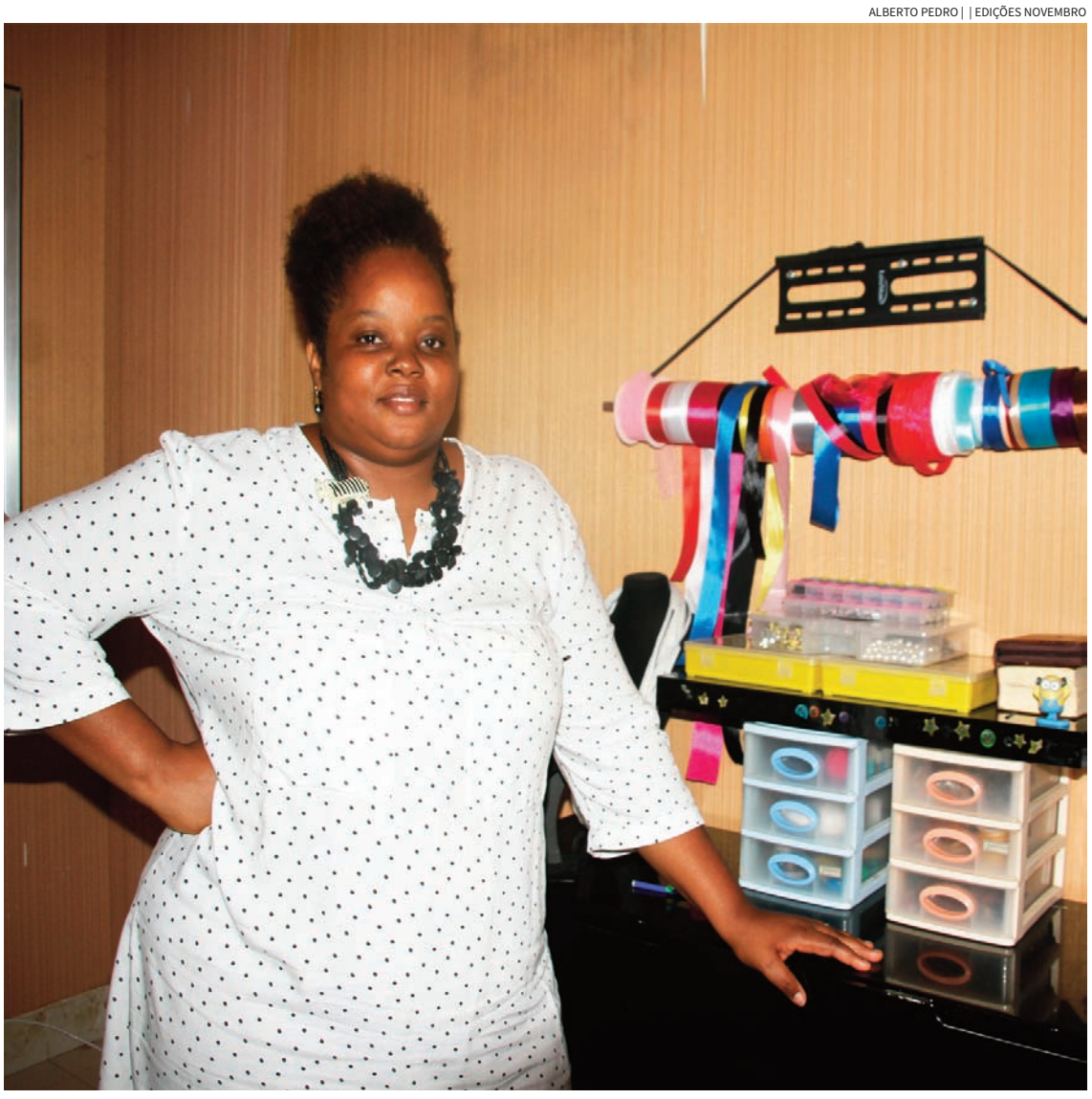
DR

VENDAS *ONLINE* E ENTREGAS AO DOMICÍLIO

Artesã adapta-se à nova realidade

A artesã Verónica Pedro vive um "novo normal". A pandemia da Covid-19 levou-a a buscar alternativas criativas para manter e expandir o seu negócio. Criou uma página no Instagram onde expõe e vende as suas criações. Até um certo montante de compras, ela faz a entrega ao domicílio do cliente. É um caso de resiliência e de adaptação às contingências impostas pelo novo coronavírus

ALBERTO PEDRO | | EDIÇÕES NOVEMBRO



Arcângela Rodrigues

Artesã há 10 anos, Verónica Pedro confessou ao *Jornal de Angola* que neste período de restrições por causa da Covid-19 muita coisa mudou. Ela teve de se adaptar para não perder os clientes. Tem se pautado por aprimorar os seus conhecimentos. Recentemente, através de um curso *online,* aprendeu a fazer laços de cabeça para crianças.

"A arte parece algo simples, mas não é. Daí eu estar em constante actualização para aprender bem os detalhes", afirmou, salientando que os detalhes é que diferenciam uma artesã de outra.

Com 42 anos, Verónica Pedro revelou que se o seu trabalho for mostrado por outra pessoa, através de um pequeno detalhe conseguiria identificá-lo. Para a artesã cada dia é um aprendizado e a criação uma terapia.

"Estar parada não faz parte de mim. Em cada canto da casa onde estiver, e até mesmo fora de casa, levo comigo o meu material para trabalhar", confidenciou, explicando que desde pequena sempre gostou de fazer roupas para bonecas. "Qualquer pedaço de tecido ou trapo servia-me para inventar alguma peça".

Tempos difíceis

Apesar de se adaptar à nova realidade, Verónica Pedro contou que, com o surgimento da pandemia da Covid-19 a aquisição de materiais para o seu ofício tornou-se difícil. Além de estarem escassos, quando aparecem os preços são cada vez mais altos.

A artesã faz de tudo um pouco: confecção de colares, brincos e laços de cabeça para criança, personalização e bordados em roupas, entre outros serviços. Para vender os seus produtos teve de criar uma conta no Instagram. Os clientes, segundo disse, têm-lhe sido fiéis e, actualmente, o que mais vende são os laços de cabeça para crianças.

Para fazer os laços Verónica Pedro usa ganchos do tipo "boca de pato", punhos e fitas de gorgorão com estampa, pérolas, cola quente e bandoletas. Mas as circunstâncias a obrigaram a adaptar os laços com fitas de cetim.

O preço das pérolas vai de mil a dois mil kwanzas, o metro da fita de gorgorão custa quinhentos kwanzas, um metro de organiza 3500, a embalagem de punhos 1500, o conjunto de 12 bandoletas varia de 1500 a 2000 kwanzas.

A artesã deu a conhecer que as entregas ao domicílio são feitas aos clientes que fazem compras até 10 mil kwanzas, não sendo cobrada a taxa de deslocação.

Verónica Pedro é professora de Psicologia no segundo ciclo há 20 anos. Antes de criar a sua página no Instagram comercializava os seus produtos na escola onde lecciona, em creches e na igreja onde cultua. As suas irmãs e o esposo, disse, "têm apoiado na comercialização e divulgação dos produtos".

TELE-TRABALHO E AMEAÇA DIGITAL

O "pescador", a isca e o peixe digital

*Tânia J. A. Costa |**

O aumento significativo do uso da Internet, do trabalho remoto e de aplicativos bancários contribuiu para um aumento do risco de ataques cibernéticos protagonizados pelos famosos criminosos virtuais ou *hackers*. Uma das diversas maneiras de o criminoso virtual agir é com a prática do método de "phishing" - o termo deriva da palavra em inglês "fishing" que significa "pesca"- sendo o pescador o invasor e o peixe as informações que pretende obter. O pescador pesca informações de extrema confidencialidade, usurpa os dados e age de forma incorrecta: essa analogia é a razão do título deste texto.

Entretanto, lamentavelmente, assim como o vírus do novo corona- vírus que está sempre em constante mutação ou a gripe que muda e transforma-se em cada ser humano, a "pesca" digital criminosa não tem ainda um método de prevenção infalível. Os cibercriminosos usam inúmeras iscas, algumas vezes direccionadas a funcionários de uma empresa específica ou até mesmo a pessoas singulares com actividades online constantes.

Usando campanhas de *emails*, solicitando os dados pessoais; ou os aplicativos de Covid-19; ou a instalação de um *software* com ofertas de carros; ou a criação de ligações (links) com descontos fantásticos durante o Natal ou, ainda, em qualquer época festiva: é impossível enumerar as infinitas técnicas usadas pelos *hackers* para atrair o "peixinho" e fazer com que ele morda a isca.

Seguramente, por esta razão, diversas empresas apostaram na implementação de políticas e regras de conduta de cibersegurança para consciencializar e diminuir os riscos dos ataques virtuais, bem como informar os funcionários sobre as consequências de um ataque.

Basta recordar o ataque informático ocorrido na empresa petrolífera Sonangol, que deixou os sistemas informáticos paralisados. O que aconteceu foi que: "Desde a página observador.pt os "hackers" acederam a 700 computadores e privaram dos serviços de *email* cerca de 500 funcionários da petrolífera, dos quais extraíram informação privilegiada" (Observador.pt 25/01/2020).

O ataque de pirataria terá deixado a gestão da empresa desnorteada. A prática de roubo digital mostra que o mercado é malévolo. No entanto, existem recomendações indispensáveis para evitar dissabores e prevenir a nossa confidencialidade, mesmo que haja quem diga que no mundo digital já não existe confidencialidade. Uma vez que entramos para esse mar somos alvos de "pescadores" criminosos, que andam atrás das nossas informações.

Neste sentido, trabalhar em tele-trabalho requer redobrar as nossas atenções e triplicar as medidas de cibersegurança com vista a mitigar as vulnerabilidades. Visto que, muitas vezes, não nos encontramos em escritórios bem equipados, que possuam protecção com aplicativos e ferramentas fundamentais que bloqueiam, rastreiam e denunciam automaticamente actividades suspeitas de "hacker", a vigilância deve ser maior, porque estamos expostos.

É preciso considerar a cibersegurança como uma componente chave para o sucesso profissional e melhor desempenho nas organizações. O apelo constante a uma cultura de cibersegurança diminui os riscos contra os novos golpes de "pishings".

Embora já frisado que a segurança *online* não se consegue garantir a 100 por cento, deve-se, ainda assim, seguir escrupulosamente as inúmeras medidas de prevenção recomendadas pelas empresas adoptando comportamentos e práticas de segurança adicionais, como forma de evitar ataques, nomeadamente: actualizações constantes do *software* do computador, o uso de um antivírus eficaz e com grande desempenho, a alteração da palavra-chave de forma regular, optar pela autenticação em dois passos e fazer "backups" diários.

Essas medidas embaraçam a rede do "pescador"criminoso que se vê encurralado e impossibilitado de "pescar". Todavia, no que concerne a cada um de nós, na sua existência no mar digital, colaborar e proteger-se contra as iscas do cibercriminoso, identificando, corrigindo e denunciado atempadamente todas as actividades suspeitas de ciberespionagem, fraude e outras ameaças, garante maior segurança de informação e um singelo contributo para a consolidação de um mundo digital saudável.

**Consultora de carreira e negócios*

| EDIÇÕES NOVEMBRO

"Andar o País" leva jornalistas a radiografar estado da agricultura

Um grupo de cerca de trinta jornalistas angolanos inicia, em Setembro, uma digressão por dez províncias, ao encontro de projectos agro-industriais, empresários e outros agentes do sector, num projecto da Rádio LAC denominado "Andar o País pelos caminhos da agricultura e desenvolvimento"

Leonel Kassana

Num momento de forte aposta na diversificação económica em Angola, os promotores do projecto jornalístico, que já vai na sua terceira edição, pretendem a redução do "abismo comunicacional" com os agricultores, para melhorar o conhecimento da sua actividade, dificuldades e expectativas.

O desafio que é lançado aos jornalistas é constatar "in situ" o potencial de crescimento e de desenvolvimento do sector agrícola em Angola, olhando para a dimensão de terras aráveis, diversidade climática e disponibilidade de água, algo que resulta numa vasta oferta de produtos para o mercado interno e com potencial de penetração nos mercados internacionais.

"O projecto surge da necessidade e do interesse público de se produzir uma informação cada vez mais próxima da realidade", referiu o coordenador, José Rodrigues, em declarações ao *Jornal de Angola*.

Na perspectiva dos organizadores dessa expedição, de cerca de trinta dias, mesmo não sendo a panaceia para os actuais factores de estrangulamento do sector agrícola, o projecto jornalístico é, também, visto como um espaço adequado para a visibilidade dos vários projectos agrícolas "bem sucedidos".

Reconhecem, aliás, que o desconhecimento, a falta de uma apurada informação jornalística sobre a "problemática agrícola", resulta no descomprometimento com as suas causas, algo que pode afectar, negativamente, os pressupostos da diversificação económica.

A iniciativa tem, assim, o mérito de conferir um espaço importante à agricultura, na generalidade da imprensa e ajudar na definição de agendas de cobertura jornalística.

Projectos agro-industriais

Como se diz noutro espaço desta peça, o projecto jornalístico "Andar o País" pretende passar por, pelo menos, dez províncias.

Umas com forte tradição agrícola, traduzida na implantação de projectos agro-industriais e outras com grandes fazendas de produção de cereais e hortofrutícolas, além de escolas que formam técnicos, a diversos níveis, para o sector.

Em Luanda, a "Grande Reportagem" começa pelo Projecto Integrado de Desenvolvimento Agrícola de Quiminha, município do Icolo Bengo, hoje responsável por uma significativa parte dos cereais, tubérculos, frutas e ovos que a população de Luanda consome. Esse projecto foi criado em 2012, para a reintegração de 300 famílias camponesas que trabalhavam em condições difíceis.

Depois, segue para a Novagrolíder, que se dedica à produção de hortofrutícolas, as fazendas "Horta Verde", Kwanza/Bengo, agropecuária "Aurora" e outras unidades privadas, na rota deste projecto, quando passar pela província do Bengo.

Ainda no Norte de Angola a rota da "Grande Reportagem" contempla os projectos de Desenvolvimento Agrícola do Negage e Sanza Pombo, bem como as fazendas Kimuanza e Café Canjongo e o Grupo Mitrelli, na província do Uíge.

Parte do planalto de Camabatela, no Cuanza-Norte, onde o Governo está a promover um programa de repovoamento de gado bovino, maximizando as condições propícias para o desenvolvimento agropecuário, também será visitado pelos profissionais da imprensa. Oportunidade para os jornalistas verem, também, a adaptação do gado, recentemente chegado do Chade, numa altura em que há registo de morte de alguns animais.

O projecto de avicultura familiar e as fazendas do Mucozo, Pamado, Crisgunza, Joana Helena, Juale e Mário Marú, constam, também, do projecto.

As fazendas agrícolas Santo António, Nuviagro, Matogrosso, Vissolela, Agrolíder, Pérola da Cela, América, Cleomas, Cambau, Mulundo e o projecto Aldeia Nova serão "radiografados" nessa "Grande Reportagem" durante a passagem pelo Cuanza-Sul, província que nos últimos anos vem se afirmando, sobretudo, na produção de cereais.

Já em Malanje, a atracção jornalística será os pólos industriais de Quizenga, Capanda, fazendas Montenegro, Horta Angola, Pungo Andongo, Pedras Negras e Cangandala, projectos agrícolas Lucy Man, PIPE, Unicanda e Castel, Biocom, entre outros.

Fazenda Vinevala

No Centro de Angola um dos "casos de sucesso" conhecido é o Projecto Vinevala, que, no Bié, se dedica à produção, em alta escala, de milho e batata. Será um dos principais atractivos e está na rota da "Grande Reportagem", com as fazendas Gaia Chilesso, Catenga, agro-industrial da Camacupa, Avipal Caluapanda e os projectos Terra do Futuro e de produção de arroz da Camacupa.

No Huambo, o Instituto de Investigação Agronómica e Veterinária, uma instituição de excelência, vai ser alvo do trabalho dos jornalistas, que se vão inteirar do seu potencial, dificuldades e desafios. Os repórteres deverão visitar, ainda, a Fazenda Agrícola Loma e um projecto de agricultura familiar desenhado pela ADRA (Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente).

No Sul do país a "Grande Reportagem" deverá deter-se na Huíla, para conhecer o pólo agro-industrial da Humpata e as fazendas Jamba, Falcope, Crescente, Fernando Borges e NNN-Produção pecuária e cinegética. A CCGSA (Cooperativa de Criadores de Gado do Sul de Angola), os projectos agrícolas do Tchivinguiro e hortofrutícola de Caconda, bem como o complexo agro-industrial Laranjinha, no Lubango, e as escolas de regentes agrícolas e de agricultura e desenvolvimento rural, constam, igualmente, desta incursão jornalística pelos projectos agrícolas.

Uma amostra do que é feito em Benguela no domínio agro-pecuário será vista nas fazendas agrícolas do Dombe Grande, Bom Pastor, Utalala, "fazenda modelo" da Ganda, projecto Hanja, pólo industrial do Cubal, CCG (Cooperativa de Criadores de Gado) e noutros empreendimentos da região.

Por que foi escolhida a temática agrícola

Segundo José Rodrigues, o objectivo do projecto é levar os jornalistas à produção de matérias mais alinhadas com a realidade do campo. O coordenador recordou que a primeira edição do projecto, em 2007, esteve mais virada para a "avaliação" do estado das estradas, pontes, barragens, fábricas e outras infra-estruturas vitais para os desafios que o país teria pela frente.

"Este ano, elegemos a agricultura pelo simples e fundamentado facto de ser um factor determinante para o desenvolvimento do país fora da 'caixa' do petróleo", referiu. Acrescentou que, numa altura em que há incertezas à volta do preço do petróleo, a produção de uma informação que espelhe as potencialidades do sector agrícola é mais do que simples trabalho jornalístico.

"É quase uma obrigação dizer e mostrar que há vida fora do petróleo e das grandes cidades, este é o objectivo maior", sublinhou José Rodrigues, indicando que, no essencial, o que "o jornalista espera são respostas das pessoas que trabalham na agricultura e que fazem dela o seu negócio".

Disse esperar que os empresários, camponeses e os responsáveis nas regiões a visitar falem dos desafios e, sobretudo, da capacidade de resiliência para ultrapassar eventuais constrangimentos.

"Sabemos já que há muitas dificuldades no campo, mas também há assinaláveis casos de sucesso, que podem ser replicados noutras regiões", notou o coordenador da excursão.

José Rodrigues explicou que o projecto conta com apoio institucional, sobretudo, dos ministérios das Telecomunicações e Tecnologias de Informação e Comunicação Social e da Agricultura e Pescas, cujo titular instruiu os representantes provinciais a disponibilizarem os dados sobre os projectos relevantes nas diversas regiões.

Referindo tratar-se de uma "oportunidade ímpar", para ser partilhada por outros órgãos, o jornalista adiantou que, além da agricultura, o projecto vai permitir ver o actual estado das vias de escoamento dos produtos dos campos para os grandes centros de consumo nas cidades e vilas e os sistemas de água. "Dependendo da sua perspectiva editorial, os jornalistas terão um amplo manancial de exploração, a partir das populações rurais, das oportunidades de investimento e outros ângulos", adiantou José Rodrigues.

À pergunta sobre a oportunidade desse projecto jornalístico, numa altura da pandemia da Covid-19, o coordenador mostrou-se tranquilo, referindo que "estamos permanentemente atentos à evolução da situação, tentando adequar a reportagem às condições que tivermos".

"Partimos do princípio de que há-de chegar o momento em que os homens vão ter que 'fazer' a agenda do vírus e não o contrário", disse com optimismo, reiterando que na concepção do projecto foram ponderadas "todas as possibilidades, através de vários cenários", destacando-se a Comissão Multissectorial de Combate à Covid-19, a quem foi solicitada o apoio para a testagem de todos os integrantes da caravana antes da partida.

José Rodrigues disse que a organização precisava de, pelo menos, mais duas viaturas e assegurou, para breve, a produção de eventos para o anúncio dos patrocinadores. "É com eles que nos vamos ajustando à logística (alojamento, alimentação, transporte, combustíveis, comunicações e outros)", concluiu.

"WANGA WA MENYA"

O feitiço da água ou a poética do mar

Configurando-se imenso espelho aquático, metáfora e signo de feitiços e mistérios, pela sua incalculável infinitude, o mar, cujas águas são revoltas, algumas vezes, e calmas, em outras, quando, pelos rituais da tradição oral, se lhes fricciona a alma imaginária da essência que lhes caracteriza, traz, na sua linguagem interpretativa, aconchegos e razão de exuberantes instantes de inspiração poética

*David Capelenguela |**

Preservando em suas entranhas sensações, representações, conotações, mitos ou realidades que o enformam, a expressão das ondas do mar, a tal água em burilação, dependendo do estado de alma de cada trabalhador da palavra, é uma orquestra composta por vários instrumentos, de timbres diferentes e particulares, mas revestida de harmonia e beleza cuja essência assenta num extraordinário compasso, polifonia essa que conforma a literatura como inesgotável idiolecto com páginas dignas de nota, feita e interpretada por várias épocas e gerações. Ainda assim, entre buscar no mar mitos ou feitiços, cujo intervalo entre ambos se revela exíguo, quiçá, sobretudo no imaginário conceptual dos anciãos, guardiões da memória, crentes na mitologia criada em torno desse imenso espelho aquático, o melhor, aconselha-se, para quem quer prezar-se como ferreiro a fundir o seu ferro com o empenho que o fole lhe proporciona audaz, é não enveredar por esse caminho, mas, enquanto acção que lhe perpetua o discurso lírico, engajar-se dele e sobre ele, indiciar o polir, labor oficinal da palavra, sobre as ondas que muralham de lá para cá e vice-versa, tecendo-lhe reminiscências e, restaurando o tanger sobre suas espumas, onde a celebração festiva e ininterrupta do vir e do ir pode equiparar-se à vinda à terra, enquanto lugar determinado e cativo para o nosso exercício de estar vivos, e do ir como expressão representativa do retorno à terra, a morte:

"Com o suor do teu rosto comerás o pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás!" (Gênesis 3:19).

Africanidade literária

Sob o signo do anticolonialismo, movimento político-literário de valorização das literaturas africanas, onde os ecos da negritude francesa, o negrismo afro-americano, o neo-realismo português e o modernismo brasileiro jogaram um papel preponderante para o despertar de consciências, os estudantes africanos, entre eles os angolanos Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, António Jacinto e outros poucos, reunidos na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa (CEI), tomaram como determinante a defesa da africanidade no campo literário, servindo-se dessa actuação para a fundação do nacionalismo nessas literaturas.

Nos anos 60 e início de 70, face à intensa e crescente repressão da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), para driblar a sua censura, em Angola, e não só, a literatura vai socorrer-se do labor de cariz metafórico, e, em muitos casos, com maior aprofundamento do recurso à concisão, sobretudo quanto aos recursos estético-formais e ao hibridismo linguístico, inaugurando a inserção de versos, nalguns casos inteiros, com referentes culturais escritos em línguas africanas, afinando assim a dicção do humor, sobretudo, para fazer crítica da realidade. Maculando e introduzindo ao português interferências e expressões do kimbundu, umbundu, kikongo e de outras línguas de Angola, de modo a perpetuar os odores e saberes de identidade africanos na língua portuguesa, a poética de pendor acusatório celebrou-se como o grito negro da rebeldia, e em busca das suas raízes. Aquela literatura, contundente, clamou contra a opressão e denunciou a exploração colonial, afastando-se da corrente dos cânones portugueses e da civilização europeia. Nas obras de Luandino Vieira e de Jofre Rocha, a título de exemplo, desde os anos 60 e passando pelas décadas subsequentes, vamos encontrar certa "petulância", em que ao enveredar por esta forma de escrita, embora cada um afirmando-se por estilo próprio, a recriação da língua portuguesa convive com um cariz kimbundu sob forma de transcrição da fala dos habitantes dos musseques. Em iguais circunstâncias, Pepetela, com o seu romance "Mayombe", eleva-se e alcança outras dimensões, onde, para além da perspectiva ideológica das narrativas comprometidas com a utopia da Revolução, introduz o debate sobre a valorização universal da dimensão humana, criticando o tribalismo e pontuando o amor, o sexo e a amizade.

Por sua vez, na poesia, com os poetas Arlindo Barbeitos, Ruy Duarte de Carvalho e David Mestre, para citar apenas alguns, a reelaboração estética é versada com o aprofundamento do sentido hermético, rebelde, que vai introduzir o mar como catarse da memória, onde, pela imensidão e característica das suas águas, revoltas, quando sob a forma de gigantescas ondas, os olhos, na tentativa da busca da linha limítrofe, lacrimejam e não alcançam o horizonte. Esse labor de concisão e economia da palavra é apresentado por Arlindo Barbeitos como fio condutor do reservatório mítico que os tira da terra natal e natureza africana, passando pelo mesmo trágico Oceano Atlântico, que os levara às terras de trabalho forçado:

"Olhos de peixe são teus dedos / oh meu barco oh meu barco / à busca de continentes / ainda por descobrir / se afundou o meu barco no mar de teu ventre / oh meu barco oh meu barco / olhos de peixe são teus dedos" (Barbeitos, p.53)

Já para Ruy Duarte de Carvalho, o mar, sagrado e consagrado, é perseguido por uma linguagem autónoma, que, dialecticamente, apela às derivações estilísticas que se ajustam entre o ético e o estético, recorrendo, permanentemente, à inspiração e reelaboração de expressões que, ele próprio, Ruy Duarte de Carvalho, designou por "expressão poética da tradição oral". Desse ponto de vista, o poeta desafia-se a caminhar em frente, enfrentando todas as peripécias para atingir o mar:

"Vou caminhar em frente até que atinja o mar. Não este mar que vejo à retaguarda, donde nos vem a brisa laminar das tardes de Setembro, mentor do céu de bruma que nos maninha o chão.

Eu vou seguir em frente e ultrapassar o paredão das serras, a cortina das águas que na distância acende a redobra angústia de uma possível esperança"... (In A Decisão da Idade, Carvalho, p.55-56)

Para David Mestre, este mar, configurado como busca de identidade própria, é, muitas vezes, eleito e celebrado como espaço erótico, cujo labor estético se abriga à sensualidade da mulher para lhe atribuir, instado no exercício da meta poesia, a expressão dimensional do envolvimento amoroso e da fertilidade:

"Quiseste perder-te / em meus braços / rompeste o cordame / e seguiste as estrelas / pelo mastro // Coroaste-me de sal / e conchas do mar / namorado das sereias / e noivo / da rebentação // Isto recordo / fora a cicatriz / tatuada por tua / navalha / de água. (In Subscrito a Giz, Mestre, p.62)

Mar da Dipanda

Com a chegada da Independência de Angola em 1975, o mar, agora mar novo, a década de 80 e o princípio da de 90, vieram trazer um olhar mais exigente e equacional, impondo-se com rigor ao perpetuar correntes como a simbolista-concretista, onde a subjectividade, com sensibilidade fina e requintada, assenta na concisão e no formato do verso fluído, em que as utopias voltam à ribalta, inicialmente para celebrarem a liberdade conquistada, e depois para marcarem o desencanto na realidade económica e social, caracterizando, deste modo, a poesia desse período pela superação do labor estético de cariz "cantalutista" e pelo desaparecimento das referências circunstanciais presentes na poesia revolucionária.Radicaliza-se o panfletarismo ideológico e o projecto de recuperação da língua literária, aproveitando as suas virtudes intrínsecas e universais, sem os regionalismos característicos da literatura dos anos anteriores. Alcançada a metaconsciência, é aguçado o traço crítico, e a poesia, sobretudo, toma a ascensão e vigor na denúncia da corrupção e os atalhados que enfermam a luta pelasobrevivência para alcançar os lugares cimeiros nos círculos do poder, ultrapassar a vulnerabilidade e reforçar as capacidades de resiliência.

Rompendo, quase que de forma contundente, com poetas das gerações anteriores, essa lírica aponta para a crise das utopias e funda um novo lirismo que procura cantar os sentimentos existenciais, revestindo-se de intensificação poética, através da depuração da linguagem literária em alguns poetas.

Ciosa de seu ofício, e sendo que o poeta é um cisne que foge da sensibilidade reducionista do fenómeno lírico, essa nova dicção faz recurso à emergente vida rural, numa poética liricamente orquestrada e revestida de sentidos antropológicos. Ana Paula Tavares escreve e inscreve-se contra os tabus, onde a abordagem desabrida do mundo afectivo do amor, da vida sexual, incluindo a sua expressão erótica, é abordado com grande subtileza e talento que devem exorcizar a exploração da matéria e do material poético:

"Quando inventas o mar / sou eu que estou sentada / na curva da baía / colhendo do silêncio / a lágrima comprida / que te desce pelas tranças // lavo o corpo / inaugura o rio / enche com o eco da tristeza / a lavra da vida / que se desconta / morrendo // ... deixa que o fruto / De maduro / Te caia no regaço.(In "Poesia Angolana de Amor dos Anos 80", pp.32-33)

Kandjimbo e Maimona

Exímio percursor do traçar estético-literário com rigor, Luís Kandjimbo faz parte, com Lopito Feijóo K. e outros poucos, da Brigada Jovem de Literatura de Luanda, que se fraccionou em 1994, e cria o "Colectivo de trabalhos literários Ohandanji", uma expressão resultante da composição por aglutinação das palavras Ohanda, doumbundu e Danji, dokimbundu,figurando-se como uma representação figurativa da pedra onde se moe/tritura o milho, massango, massambala ou mandioca(característica comum nas comunidades do interior de Angola), como forma de despertar para o afinamento no labor da palavra poética, com a introdução de novos elementos e tendências estéticas, discordando da mediocridade que a escrita brigadista veio a adquirir, anos depois da fundação da BJL.

Destacando-se, e tomando permanentemente a linha dianteira, sobretudo do ponto de vista do critério temático e norteador, em que os aspectos da filosofia africana são acentuados e assentam no melhor da sua relevância, a poesia de Luís Kandjimbo permeia a essência e substância do seu engajamento,alargando-se na sua triagem contextual, com elementos da busca e alcance em que os signos metafóricos, e outros recursos estilísticos, marcam o seu lugar cativo e, por isso, são permanentemente convocados para dar robustez e recheio no instante de dar voz à vez do parto poético:

"O mar simboliza dor quando / estaciona nas trepidações / da muralha // Ó Mar converta ângulos destilados aqui / não há sismos, nem estuários, nem deltas / as praias dialogam amigáveis com frequência / das cantigas e traineiras de pescado"...(In "Estrada da Secura", Kandjimbo, p.18)

É nessa ordem de ideias que, enveredando pela procura e afirmação de um rigor formal, uma escrita característica e própria, a poesia de João Maimona, desprendida e/ou des(continuada) com a percussão estética das gerações que o antecedem, ou até mesmo aos da sua própria geração, nalguns casos, evidencia-se de forma fascinante, trazendo a lume uma espécie de evasão semântica, conformando o ser, o estar e o sentido com o seu ofício de poeta, como se do médico veterinário abstraíssemos a matéria surrealizante, que, por sua vez, vai abrir diálogo entre o tema e a escrita, conferindo-lhe, assim, a novidade de uma reflexão intuitiva e mágica, aliada a uma força elemental vitalizante:

"deixarei a semana forjar / Raparigas de Natal / o Natal que se une às rochas. // deixarei amontoar em minhas / mãos dóceis / esqueletos do mar. // deixarei a torre da noite / chorar e esperar / o ar enchendo a morte do mar / pelos brinquedos do céu / até que os dias se unam às noites.

// e deixarei a folha escutar / à porta fechada / a luz sombria da fornalha."(In "As Abelhas do Dia", Maimona, p.21)

João Melo e Amélia Dalomba

A lírica desse tempo traduziu fielmente os esforços de toda uma geração de escritores que primaram por exprimir-se com a arte, sobretudo na sua dimensão estético-subjectiva. A palavra, para estes poetas inovadores, foi um mero símbolo que, no entanto, encerrava uma pluralidade inesgotável de sentidos ao ponto de o seu significado contextual afigurar-se ambíguo. Logo, para apreendê-los, no instante da palavra poética e, por extensão,a própria poesia produzida por essa geração, era preciso vencer a tentação da adesão imediata e ultrapassar o sentido literal da palavra para dela recriar a criação do poeta. Esta quase recomendação tacitamente patente na obra de João Melo pode-se aferir de forma ascendente desde a sua primeira obra aos nossos dias, e, sendo, sobretudo, de pendor narrativo, revigora-se inovadora, tanto ao nível do aperfeiçoamento estético como na urdidura figurativa da línguagem, onde o resgate e a recodificação de signos de cariz angolano instaura e dinamiza a sua configuração verbal. Porque o exercício profissional, quase sempre, induz e acentua a nossa veia artística, ou viceversa, João Melo, enquanto profissional da comunicação social, socorre-se da sua altura, no domínio profissional, para com a sua pena abrigar-se e albergar em si as mais diversificadas alegorias de linguagem e, por extensão, introduzir, habilmente, mutações no próprio modelo de situação comunicativa:

"Navego à vontade no teu dongo / aliso-lhe como se fosse uma mulher / primeiro o dorso as curvas / perfeitas da embarcação / por fim as pernas balançando / nervosas como palmeiras / ah amada o azul terrível do mar / está todo nos teus olhos negros / eu ouço o grito da kianda / e ximbico sem parar sem parar.(In "O Caçador de Nuvens", Melo, p.46)

Por sua vez, a poesia de Amélia Dalomba, cuja característica de elaboração estética é fortemente revestida de encanto, fluidez e exuberância, carregada de vigor gradual e expande a sensação de sentidos, sem tidos nem achados na contra mão, mas, pela acção da arte, ela faz e traz ofio condutor em cada parto poético,apartando e alcançando novas conquistas e formatos de voo livre e aberto ao encontro do leitor. A sua delicadeza estética, captada no labor sonoro, frescura do pólen e linguagem silenciosa do dizer, faz incidir, em cada adejar, a dimensão da sua fé e religiosidade cristãs, quase sempre vertida no sentido do apelo ao perdão, à reconciliação e ao amor ao próximo, como queo pulsar do sangue em suas veias irrigasse em cada manhã, metaforizando de forma sintáctica, rítmica e sábia os significantes que se constituem em seu panorama de escrita:

"Regresso / Regresso com sede / das carícias / sede / das carícias / subtilmente negadas / regresso / regresso / continuamente / sedenta / sedenta a olhar / olhar o mar / o horizonte / ignoto / a olhar / a olhar. (In "Sacrossanto Refúgio", Dalomba, p.61)

Lopito Feijó

Para muitos, o mar esconde perigos, ameaças, perdições, mas também é, sobretudo, um espaço de maravilhas imaginadas, do amor e, quiçá, de outras espécies humanas e de outras galáxias, como está bem patente na poesia de Lopito Feijóo K., cuja característica de elaboração estética é pujante, carregada de vitalidade e arquitectada de significações e contornos ambivalentes. Valendo-se da sua irreverência, em seu "áspero ofício", de vocação experimental,incidente na paródia discursiva, de significação, humor e desconstrutividade, ou ludismo dos signos, nalguns casos, pode indiciar alguma perplexidade ao leitor, pois o resultado inequívoco, do riso ou da caricatura, exigirá, no fim do conforto de leitura, alguma "almofada" para quem o pavimento escorregadio se possa vir assentar na acentuação da alma.

De vocação experimental, é muitas vezes referenciado como "rebelde", dada a sua forma telúrica, irreverência e boemia. Trajando a seu jeito, e, de preferência, de roupas de identidade africana, é desta que se adiciona a "pereline", veste de reconhecimento como membro internacional número 1 de uma das academias do Brasil, fruto da sua dedicação, internacionalização e persistência no labor diferenciado da palavra. E, bem dizia o poeta, "Pamba N'zambinasceu um dia e não morreu mais".

"Nome importante da geração de 80, a chamada 'Geração das Incertezas', assume a ruptura com os cânones semânticos e estéticos tradicionais, propondo uma estética assente numa linguagem dissonantemente metafórica e no experimentalismo visual. Com um estilo simultaneamente satírico e irreverente, a sua "poeísis" é caracterizada por um profundo teor lírico. Lopito Feijóo K, trabalhador da palavra, atento e de sensibilidade apurada para pormenores culturais, é um artista de grande alcance e significado no contexto do percurso literário angolano, se buscado, alcançado e percebido na sua mais íntegra expressividade hermético-poética. Ao contrário da dicção mais discursiva, retórica, de conteúdo político directo, que esteve em evidência nos anos 60 e 70, João André da Silva Feijó, de sua graça, move-se em vários sentidos, buscando uma reinvenção da sintaxe e a força mântica das palavras. A linguagem poética, arrojada, mas assente e bem alojada, transformou-se em leitura crítica ou expoente descritiva da realidade cultural angolana e não só, onde a transmissão oral ganhou espaço e coexiste com outras formas de realização poética, já que, morando junto ao mar, ama-o do seu jeito:

"Amor à mar / Encostar-se a margem / de língua molhada / calor. Ar / dor / consinta com siso / / que eu beijei / nos lábios da tua / outra(cando-rosa) boca!"(In "Cartas de Amor", Feijóo K., p.37)

Poesia síntese do mundo

A preocupação com o estabelecimento ou (re)afirmação de uma identidade representativa do "universo" angolano passa, inevitavelmente, pela construção de uma cenografia capaz de relacionar as dimensões do discurso às questões sócioculturais que subjazem na literatura. É deste modo que a literatura, sendo um exercício em que, para lhe render a excelência, o escritor, no auge da sua criatividade, se deve revigorar com o passado histórico, para com o presente convocar as determinantes sensíveis, descomplexar o mundo, abstrair o sentido e a essência da arte, usufruindo-se dela para lhe induzir a respiração e o movimento, razão da vida. Esta sensibilidade, complexa, no seu fluxo, explica a grande dimensão de ser ela, a escrita, a mais íntegra expressão da linguagem criativa, sendo que, sem tal doseado, se tornaria frouxa ou quase que inútil.

Assim, o mar, limitado por um muro de desconhecimento para lá do qual se instala a perpetuação dos medos e os mitos, à medida que nos vamos afastando do nosso cenário original, a terra, só a escrita, sobretudo a poesia, nesse pormenor, lhe supera, por convocar em seus versos a substância real do encanto e da vibração, já que ela, a poesia, muitas vezes referenciada como síntese do mundo, em sua ambição maior, empreende a concisão da amostra e simultaneamente uma realidade que sugere a síntese expressiva de toda a literatura. É daí que, se "o pintor convencional que se vale da cor para impressão simbólica" impregna equilíbrio nos tons e sons para demonstrar que a criatividade tem maior significação do que a intenção e que toda arte pressupõe habilidade, mas nem toda habilidade produz arte, obrigatoriamente, as barreiras linguísticas que separam os povos são valorizadas, e é a partir delas que se forma o juízo valorativo do conceito de cultura, personalidade, valores e identidades, evidenciando-as de diversas formas.

Só assim é que o poeta, instado no seu mais elevado estado de "fundir o ferro", compondo o seu poema com sensibilidade, delicadeza e requinte que se impõem, na sua modelação textual, deve convocar, no seu labor, a predilecção e " a virtude e o talento devem exorcizar à cincizão e orientar-se à exploração do material poético ao mínimo detalhe."

"Se as formas lapidares estão historicamente associadas ao resumo da vida e do carácter de uma pessoa(ou de um acontecimento)"1, "estas pequenas manifestações, mas de grande alcance e significado estético e poético, quando reproduzidas com subtileza, mestria e arte para o texto, realizam a solenidade da poesia e o seu cultor se pode orgulhar de lhe ter rendido a excelência" 2.

Poeta *

Consultas

1-(In "Subscrito a Giz", David Mestre, p.17)

2-(In "Brilho de Bronze", Lopito Feijóoo K, p.24)

COISAS E LOISAS DA "NGUIMBY"

A famosa Joana de Luanda

Para que Joana Lina seja uma peça do xadrez movida acertadamente, deverá ficar menos tempo no Palácio da Mutamba e "colocar moto nos pés"para conhecer os verdadeiros problemas de Luanda. Se assim o fizer, pregará o seu nome no coração dos luandenses, tal como o fez Joana José Neto Roque, a afamada Joana Pernambuco

DR

Dias Neto

O Presidente da República, João Lourenço, a 25 de Maio deste ano, fazendo jus à fama de bom xadrezista que ostenta, fez mexidas no séquito que o auxilia na árdua missão de governar o país. Entre as movimentações, que o povo passou a designar por "dança das cadeiras" pela frequência com que ocorrem, a exoneração de Sérgio Luther Rescova, do cargo de governador de Luanda, ao qual fora nomeado a 2 de Janeiro de 2019, e a nomeação de Joana Lina para o substituir suscitaram mais debates.

De um lado, estranhava-se a exoneração do jovem governador da capital pelo facto de tudo indicar que o seu trabalho corria sem sobressaltos. No seu curto reinado, Luanda não conheceu as montanhas de lixo, que, no passado, já foram responsáveis pela exoneração de alguns governadores, embora prevalecessem, ainda, a gritante falta de água potável em muitas zonas, a venda desordenada, o elevado número de crianças fora do sistema de ensino, etc, etc.

Do outro, a estranheza foi enorme porque a capital estava sob cerca sanitária há quase 60 dias por culpa do Estado de Emergência que vigorava desde 27 de Março, que passaria a Situação de Calamidade Pública a partir das zero horas do dia 26 de Maio, devido à pandemia da Covid-19, que, nesse período, entre nós, contava já com 69 casos positivos e quatro mortes. Este facto, por si só, independentemente do que venha a ser o seu reinado, já coloca nos anais da história a segunda mulher a ocupar o cargo de governadora de Luanda, sendo que a primeira foi Francisca do Espírito Santo, inquilina do Palácio da Mutamba de 2008 a 2010.

Ainda sobre o mexer das peças por parte do Presidente João Lourenço, a exoneração do jovem governador fez ressuscitar espectros do passado, aqueles que alegavam que era proibido trabalhar bem em Luanda. Como a exoneração ocorreu depois da remoção da famosa grua do Prenda, que se encontrava naquela zona desde 1973, nas redes sociais vieram à luz muitos dichotes para o governador Rescova. Houve, inclusive, recordação do também jovem governador José Maria Ferraz dos Santos, que teve o reinado mais curto à testa da capital.

José Maria governou Luanda por seis meses, entre 2010 e 2011. A sua exoneração, na altura, criou muito paleio porque era um governador que demonstrava grande interesse em mudar os erróneos paradigmas reinantes então, destacando-se pelas visitas-surpresa que fazia às instituições públicas. A mais célebre foi a que fez a um hospital público, onde, pelo anormalismo constatado, pôs fim ao consulado do então "dono" do sector da saúde em Luanda, o doutor Vita Vemba.

O ressurgir do espectro do passado triste, como é óbvio, meteu também o bom nome de Aníbal Rocha na boca das pessoas. Aníbal Rocha é o governador que mais tempo esteve à frente dos destinos da capital, 1997 a 2002, e o único de que o povo guarda boas recordações. No falar popular, a sua exoneração deveu-se ao facto de que o respeito que granjeava criara inveja no então Presidente, que o transferira para a província de Cabinda.

No nosso modesto ver, os fantasmas do passado não têm razão de aparecer: a mexida do exímio xadrezista é uma mera estratégia político-eleitoral, visto que nos aproximamos, a passos largos, das próximas eleições gerais de 2022 e, pela reacção que teve a população da província do Huambo à nomeação de Lotti Nolika a governadora, em substituição de Joana Lina, lá, a estratégia foi tiro certeiro. Funcionou.

E podemos ainda acrescentar que, pelo facto de o Estado de Emergência mostrar-nos grande bulício gerado por mulheres nos mercados, a nomeação de uma mulher para governar a província de Luanda tem como fito "angariar" o voto feminino, que, numericamente, continua a ser o maior, nesta capital em que o partido governante ganhou por apenas 3-2 nas eleições passadas.

Luanda, que teve Kundi Paihama como seu primeiro governador, 1991-1993, visto que antes teve comissários municipais e, mais tarde, provinciais, sendo o último Luís Gonzaga Wawuty, 1988-1991, sempre tirou o sono aos governadores por causa dos seus problemas sociais, derivados do seu elevado e acelerado crescimento desordenado e, também, pelo facto de ser a sede do poder político, situação que, às vezes, cria muitas interferências no trabalho dos governadores.

A nova inquilina do Palácio da Mutamba - edifício que teve o início da sua construção em 1890 e término em 1911, com inauguração a 31 de Janeiro desse mesmo ano - que tomou posse no Palácio Presidencial da Cidade Alta a 28 de Maio, encontrou uma capital, para além dos problemas inerentes à cerca sanitária, com um número grande de desempregados, o que faz subir os níveis de criminalidade e prostituição, elevada falta de salas de aula e muitos estrangeiros ilegais. Há também muita gente a ganhar o pão no mercado informal, como são os casos das zungueiras, kupapateiros, kanguleiros, lotadores e dos muitos bofieiros.

Para piorar, na tomada de posse, o Presidente João Lourenço pediu à governadora para não se atolar no combate à Covid-19. Deverá trabalhar para aumentar os postos de trabalho e resolver os demais problemas que enfermam a capital, que já deve contar com 10 milhões de habitantes. Deste modo, para que Joana Lina seja uma peça do xadrez movida acertadamente, deverá ficar menos tempo no Palácio da Mutamba. Terá de "colocar moto nos pés" a fim de conhecer os verdadeiros problemas de Luanda.

Se assim fizer, a nova governadora de Luanda não conquistará apenas o "voto feminino", o que a tornaria numa auxiliar de peso do Titular do Poder Executivo, como também pregará o seu nome no coração dos luandenses, tal como o fez Joana José Neto Roque, a afamada Joana Pernambuco, que faleceu em Luanda em Dezembro de 2011, aos 86 anos, mas de quem se fala até hoje. Joana Pernambuco ganhou fama no tempo colonial como bailarina que riscava, com destreza, todos os salões, e, também, como vendedora de doces e quejandos da culinária de Luanda.

O bom dançar de Joana Pernambuco eternizou o seu nome na célebre música "Som Angolano", de Dom Caetano. Assim, caso tenha sucesso nesta árdua missão, e porque o Semba está a perder terreno para o Kuduro em Luanda, a governadora Joana Lina pode ter o seu nome eternizado numa música de Nagrelha, que também é uma figura mítica da capital.

Entretanto, se Joana Lina não conseguir vestir fato-macaco e trocar o luxo do seu gabinete no Palácio da Mutamba pela poeira das ruas de Luanda, ficará apenas com a fama de ter sido a primeira inquilina daquele histórico lugar a receber as pastas do seu antecessor com o rosto mascarado, no dia 1 de Junho de 2020, num acto que também ficou marcado pelas assertivas palavras do ministro da Administração do Território e Reforma do Estado, Marcy Lopes, que disse que quem estivesse cansado deveria pedir demissão para não estragar o trabalho, chamando ainda a atenção para que os servidores públicos se concentrassem apenas no trabalho, deixando de lado as intrigas.